



REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

MIDIANINJA



Carnaval para além do pão e circo

ENTREVISTA **LIA DE ITAMARACÁ**

**A vitória da majestosa
simplicidade**

BUMBA-MEU-BOI MARANHENSE

**Do engenho ao palco
da humanidade**

AGENDA DE LUTAS FEVEREIRO 2020

Carnaval para além do pão e circo

LEO LARA/ÁREA DE SERVIÇO



Há quem diferencia o fazer da cultura do fazer político, dizendo que só na política institucional é possível operar transformações concretas e argumentando que festas, danças, músicas,

Toda ação política de transformação concreta da realidade é feita por seres humanos, de modo coletivo e coordenado, com outros seres humanos.

teatro, literatura etc. são meras formas de entreter o povo, de fazê-lo esquecer de seus problemas. A antiga dobradinha de pão e circo, em que se oferece as necessidades mais imediatas para a população – a comida e a

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ DIRETOR RESPONSÁVEL ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ COORDENADOR DO PROJETO E ORGANIZADOR DA EDIÇÃO PAULO CÉSAR RAMOS ■ EQUIPE JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SÓFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ COLABORADORES DEIVISON CAMPOS, GUILHERME VARELLA, ISAÍAS DALLE, OTÁVIO PEREIRA, SANDRO SANTOS E VIRNA PEREIRA TEIXEIRA ■ EDITOR ROGÉRIO CHAVES ■ REVISÃO CLAUDIA ANDREOTTI ■ PRODUÇÃO EDITORIAL CACO BISOL PRODUÇÃO GRÁFICA ■ DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO MÂRCIO POCHMANN (PRESIDENTE), ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS (DIRETOR), ISABEL DOS ANJOS LEANDRO (DIRETORA), JOAQUIM CALHEIROS SORIANO (DIRETOR), ROSANA RAMOS (DIRETORA)

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO RUA FRANCISCO CRUZ, 234 VILA MARIANA 04117-091 SÃO PAULO/SP WWW.FPABRAMO.ORG.BR

ocupação do tempo com coisas “desimportantes” – enquanto a riqueza e o poder são dominados por uma minoria que a governa.

Esta é uma forma de pensar que, além de muito antiga, tem muitos limitadores. Toda ação política de transformação concreta da realidade é feita por seres humanos, de modo coletivo e coordenado, com outros seres humanos. E todos estes envolvidos só podem se engajar em ações transformadoras a partir do momento em que empenham seus esforços numa ação coletiva e, com o desenvolvimento do processo, passam a ver suas vontades, desejos e interesses representados em outros indivíduos e grupos.

É um longo processo de construção de entendimentos, sentidos e consensos que não necessariamente, ou quase nunca, passam pelas arenas formais de tomada de decisão, como

Muitos se apressam a condenar o carnaval e outras práticas culturais por serem apenas lazer e diversão, como se só isso não bastasse.

assembleias e congressos. Muito pelo contrário, ele deve estar muito disseminado na vida cotidiana da sociedade para vir a ganhar uma forma oficial e se tornar um projeto de lei, ou algo que o valha, e então uma ação “concreta”.

Este longo caminho entre práticas, anseios e demandas sociais compartilhados coletivamente, bem como o engajamento em suas defesas, só pode ocorrer em uma vida democrática, não necessariamente liberal, quando existe o momento do despertar da reflexão e da consciência. E, neste sentido, as práticas coletivas, os intercâmbios de ideias e afetos são fundamentais. Portanto,

as práticas culturais são, em si, parte do processo de transformação, pois é por meio delas que se conduz os indivíduos para a defesa de projetos transformadores para a sociedade.

É o que prova o debate proposto pela Revista deste mês de fevereiro, mês do Carnaval, em que muitos se apressam a condenar essa e outras práticas culturais por serem apenas lazer e diversão, como se só isso não bastasse. Em qualquer sociedade existem projetos de sociedade em disputa, e o Carnaval é um destes momentos. Uns condenam, outros desfazem, mas a verdade é que se trata de um momento ímpar, em que os tons, vozes, canções, enredos e temas que desfilam Brasil afora, das avenidas do Sudeste à ladeiras do Nordeste, trarão à tona muitas ideias sobre as quais se pensou ao longo de todo um ano.

Boa leitura! ■

Carnaval de Rua entre o direito, a liberdade e a sociedade

GUILHERME VARELLA



CIRCUITO FORA DO EIXO

O Carnaval é um dos fenômenos mais importantes da vida cultural brasileira. Talvez, o momento máximo de efusão cultural do país. Quando acontece na rua, a festa se configura como uma experiência radical de convivência, de livre ocupação do espaço público e como uma arena de experimentação corporal, afetiva, estética e ética. No Carnaval de Rua, altera-se a relação do indivíduo com a cidade e dos indivíduos entre si, carnavalescos ou não, num

O Carnaval se configura como uma experiência radical de convivência, de livre ocupação do espaço público.

convívio próximo, intenso e, até mesmo, conflituoso. O importante é ficar claro que esta relação do Carnaval com a cidade deve ser compreendida levando-se em conta a excepcionalidade (urbana e sociológica) deste período, a dimensão

cultural norteadora deste fenômeno e a afirmação do Carnaval como direito e como liberdade.

Roberto da Matta, em seu clássico *Carnavais, malandros e heróis*¹, insere o carnaval na categoria de “extraordinário constituído pela e para a sociedade”. Segundo ele, é o momento em que o comportamento social é pautado pela liberdade oriunda da suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora.

GUILHERME VARELLA
PESQUISADOR, GESTOR CULTURAL, ADVOGADO E MÚSICO, É DOUTORANDO NA FACULDADE DE DIREITO DA USP, ONDE PESQUISA A POLÍTICA PÚBLICA DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO.

1. MATTÁ, ROBERTO DA. *CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS: PARA UMA SOCIOLOGIA DO DILEMA BRASILEIRO*. RIO DE JANEIRO: ROCCO, 1997.

É justamente devido à característica da excepcionalidade, cultural e urbana, que as manifestações carnavalescas de rua transformam este período em um período, ao mesmo tempo, típico e atípico. Típico, por se tratar de um evento comemorativo já absorvido na vida cultural das pessoas, ano após ano, que o vivenciam direta ou indiretamente. E atípico, porque imprime à dinâmica urbana uma espécie de excepcionalidade, já que são milhares (às vezes, milhões) de pessoas nas ruas, espontaneamente e nos horários mais diversos, obrigando o poder público a tratar o fenômeno com a especificidade necessária, uma vez que ele altera a normalidade da cidade.

Nesse sentido, deve-se encarar o Carnaval de Rua sob duas premissas: a de que se trata de um fenômeno essencialmente *cultural*, localizado no rol dos direitos culturais da sociedade brasileira, e que, por isso, exige do Estado uma ação prestacional, positiva, ativa no campo da cultura, mais especificamente, na seara das políticas culturais; e a de que se trata de um

É emblemático o exemplo de São Paulo, que, desde 2013, praticamente descriminalizou seu Carnaval de Rua.

fenômeno *urbano*, que interfere, temporariamente, no cotidiano da cidade, em seus fluxos e serviços e que, ao mesmo tempo, faz parte da compreensão contemporânea de direito à cidade, e da visão desta como espaço público democrático para a plena convivência e fruição pelos seus cidadãos.

Uma política pública para o Carnaval de Rua

Algumas cidades, pela sua tradição carnavalesca mais acentuada, mantêm há algum tempo políticas e ações públicas para os festejos. Outras assumiram mais tardia e definitivamente sua vocação carnavalesca e passaram a ter medidas efetivas para a garantia de condições urbanas e serviços públicos, tanto para a saída dos foliões, quanto para a redução de danos para os

demais cidadãos. É o exemplo emblemático de São Paulo, que, desde 2013, praticamente descriminalizou seu Carnaval de Rua e implementou uma política pública robusta, voltada à dimensão pública, livre e espontânea da festa, e viu seus blocos aumentarem de cerca de 50, há seis anos, para mais 800, em 2020.

Esta política pública para o Carnaval de Rua é o instrumento do Estado para a consecução do Carnaval de Rua como direito, e como direito cultural, como requer a Constituição, nos seus artigos 215 e 216. Como parte constituinte da identidade cultural brasileira e patrimônio essencial da cultura nacional e como fenômeno simbólico e expressão histórica das matrizes culturais brasileiras, o Carnaval, em todas as suas manifestações, notadamente como bem imaterial, deve ser protegido e promovido pelo Estado brasileiro como direito, notadamente através de políticas públicas.

Além disso, tão importante quanto reconhecer o Carnaval como direito, é



preservá-lo como liberdade individual. Em seu artigo 5º, IX, a Constituição garante a liberdade do exercício artístico, de maneira que qualquer repressão à expressão carnavalesca, como manifestação igualmente cultural e artística – em seus gêneros e linguagens, como a música, dança, adereços e rituais – significa séria reprimenda ao direito fundamental à liberdade.

Para garantir esta liberdade de pular o Carnaval, o Estado deve ter uma ação omissiva, negativa, tirar o time de campo para os foliões ocuparem a rua. Quando a força policial age, sob o pretexto da defesa de outros direitos

São Paulo implementou uma política voltada à dimensão pública, livre e espontânea da festa, e viu seus blocos aumentarem de cerca de 50 para mais 800.

(especialmente, a famigerada segurança pública), é o Estado reprimindo a folia e violando ferozmente o direito fundamental à liberdade de todos e de qualquer um pular o Carnaval.

Carnaval de Rua e periferias em São Paulo

A origem do Carnaval de Rua remete ao século

XIX, vindo de uma “síntese cultural africano-nordestina”, nas palavras de José Ramos Tinhorão. Foram movimentos de agrupamentos urbanos em recente formação, que, entre outros elementos, misturavam influências europeias com expressões dos negros das classes baixas, com suas congadas, afoxés, cucumbis e embaixadas. Em São Paulo, especificamente, destacaram-se os entrudos e folguedos, brincadeiras de rua que ocorriam nas periferias da cidade, em festas das camadas mais pobres.

O interessante é notar que na virada do século XIX para o XX esse carnaval mais popular e periférico se contrapunha ao carnaval dos salões elitizados. Os historiadores diferenciam esses dois tipos como o “pequeno carnaval”, mais popular, que gerou os blocos e cordões; e o “grande carnaval”, fruído pela alta sociedade.

Esse resgate histórico serve para ilustrar a diferenciação, reiterada em diversos momentos



históricos, que ocorre entre manifestações culturais típicas (ou oriundas) das periferias daquelas tidas como das elites (ou das regiões centrais e mais abastadas). Gêneros importantes e consagrados da nossa cultura sofreram com essa discriminação: a capeira, no século XIX; o samba, nas décadas de 1920 e 1930; o *hip hop*, na década de 1980 e início de 1990; o *funk*, na primeira década dos anos 2000.

Quanto ao samba, especificamente, nos períodos mais recentes sua acomodação foi plena como um dos gêneros com maior carga identitária da cultura brasileira. Seus desdobra-

O interessante é notar que na virada do século XIX para o XX esse Carnaval mais popular e periférico se contrapunha ao carnaval dos salões elitizados.

mentos socioculturais, como as escolas de samba e os blocos carnavalescos, não mais sofrem perseguição, mas são absoídos institucionalmente pelo Estado, com políticas públicas e ações de financiamento.

No entanto, é interessante anotar alguns pontos, como primeira reflexão,

com relação ao Carnaval de Rua, no recorte da cidade de São Paulo. Sem dúvida, trata-se de um fenômeno mais ligado à classe média, sediado nas regiões centrais da metrópole, especialmente em se tratando do fenômeno recente de surgimento de novos e numerosos blocos. O centro expandido concentra a sua grande maioria, sendo residual a presença dos desfiles nas periferias da cidade. Isso não significa a ausência das pessoas que residem nas periferias nos blocos: elas vêm de suas localidades para frequentarem os festejos na região central, especialmente nos bairros de maior concentração,

como Vila Madalena, Lapa, Centro. Mas fica evidente, analisando-se a lista de blocos cadastrados na Prefeitura, que estão em bem menor número os blocos que surgem ou se organizam nas regiões periféricas.

De 2013 para cá, os blocos periféricos têm aumentado a cada anos. O poder público também tem buscado descentralizar algumas ações e eventos, na tentativa de estimular o carnaval local. Mas mantém-se, como característica importante, o fato de grande parte dos blocos das periferias já serem ligados a escolas de samba, com elas coexistindo há muitos anos, ou em projetos mais recentes de integração comunitária.

Também é fundamental destacar, como análise emprestada de outros fenômenos urbanos, a preocupação de que esse crescimento dos blocos nas periferias seja acompanhado de repressão policial. É sabido que a ação policial repressiva ocorre durante o Carnaval, no chamado Centro Expandido, potencial e in-

O receio que fica é o de se replicar, com a mesma força e intensidade, o triste quadro de abuso policial que já ocorre em festas cotidianas nas periferias.

distintamente sobre todos os blocos. O receio que fica é o de se replicar, com a mesma força e intensidade, o triste quadro de abuso policial que já ocorre em festas cotidianas nas periferias, como nos fluxos e bailes *funk*. Festas em que as vítimas são jovens, negros e de baixa renda, as maiores vítimas da violência policial.

É necessário observar esta possibilidade, inclusive como dado de análise da política pública do Carnaval de Rua. Afinal de contas, esta política serve sobremaneira para garantir plenamente o direito de pular o carnaval e à livre expressão artística e cultural nesse período.

Carnaval e sociedade

Por fim, é muito importante destacar que o

Carnaval não esconde as mazelas da sociedade, mas as escancara. Carnaval é espaço-tempo onde, de forma lírica, lúdica e com uma carga simbólica descomunal, expoem-se os problemas e os conflitos de uma sociedade problemática como a brasileira. Problemática e alegre, a ponto de fazer do Carnaval o seu principal momento de festa e de convívio. E a ponto de forjar o Carnaval como uma grande arena de disputa de valores. Garantir o Carnaval como direito e como exercício de liberdade é ter Momo mediando essa disputa. ■

CIRCUITO FORA DO EIXO



ENTREVISTA LIA DE ITAMARACÁ

A vitória da majestosa simplicidade

POR ISAÍAS DALLE

YTALLO BARRETO



É frequente as pessoas definirem Lia de Itamaracá como rainha ou majestade. O porte, a voz rouca e poderosa ajudam a explicar muito da associação dessa mulher de 76 anos, natural da ilha da qual compartilha o nome, com a realeza. Quando canta e comanda as rodas de ciranda que apresenta pelo Brasil e outros países do mundo, seu manto e sua coroa seguem cativando súditos de várias gerações.

Lia acaba de lançar o disco *Ciranda sem fim*, em que mistura o tradicional ritmo com bolero e arranjos que a aproximam de novas expressões musicais das periferias.

Outra razão para o título de rainha pode muito bem ser a sabedoria certa com que fala de si,

do seu trabalho e da relação com as outras pessoas. Respostas curtas, cheias de uma simplicidade que indica plenitude do ser e do querer. À semelhança de sua aparição no filme Bacurau, como o espírito de dona Carmelita, que com uma simples frase começa a alterar o rumo da história.

A artista acaba de lançar o disco *Ciranda sem fim*, em que mistura o tradicional ritmo com bolero e arran-

jos que a aproximam de novas expressões musicais das periferias. “Eu quis misturar isso daí pra saber até onde posso seguir sem ser só com ciranda”, diz. O disco, do selo Natura Musical, está disponível na internet.

Lia – que ainda não assistiu ao filme Bacurau – não quer se deter em longas análises sobre cenário político, polarização, intolerância religiosa. A receita da convivência, para ela, parece com a ciranda: dar as mãos e combinar o ritmo. “É só abrir a mente e ver o que a pessoa quer”, explica.

Acompanhe a entrevista, concedida por telefone.

Reconexão Periferias:

Eu gostaria de começar nossa entrevista falando um pouco da situação política do Brasil. A sua arte tem origem popular, e fala de temas do cotidiano de pessoas comuns, trabalhadoras. E as letras também expressam forte intimidade com a fé de origem afro. Recentemente, o governo federal fez um

“Olha, o que eu acho é que o governo tem que apoiar a cultura, pra ela não se acabar. Porque se não apoiar, a coisa complica. Não anda.”

pronunciamento em que defende o que chamou de arte superior, elevada. O que a senhora acha deste momento?

Lia de Itamaracá: Olha, o que eu acho é que o governo tem que apoiar a cultura, pra ela não se acabar. Porque se não apoiar, a coisa complica. Não anda.

O governo, ao que tudo indica, pretende dar mais apoio a ópera, a uma arte considerada mais sofisticada, e dar menos apoio, ou não dar apoio, a manifestações mais populares, como a ciranda. Isso é um problema, não?

Lia: Com certeza. Porque se ele (*o governo*) não ajuda a cultura, e vai ajudar outras coisas, como é que vai ficar? Eles têm mais é que ajudar, né?

Eu queria também falar um pouco sobre religião. O seu trabalho, a sua fé, têm inspiração de terreiro, uma matriz afro. Hoje, no Brasil, há uma perseguição crescente (*leia mais sobre isso em artigo na edição de novembro de 2019 da Revista Reconexão Periferias*) a essas religiões, e também um crescimento de setores religiosos conservadores. A senhora, durante sua vida, sofreu perseguição por causa de religião?

Lia: Não. Sou católica, respeito todas as religiões, não sou contra nenhuma. Eu vou em missa, vou em igreja de crente, nada me atrapalha.

Como a gente faz para mostrar para as pessoas que é possível fazer como a senhora, conviver com todos, respeitando e sendo respeitado? Como convencer as pessoas a agir assim?

Lia: Olha, não é difícil não. É só abrir a mente e ver o que a pessoa quer. O que quer seguir; nada que atrapalhe, né.

Não precisa de grandes discussões.

Lia: Não, é tão simples, fácil de resolver...

A senhora acaba de lançar um disco. É um disco que não tem só ciranda, tem outros ritmos.

Lia: É, tem bolero, outros ritmos. Eu quis misturar isso daí pra saber até onde posso seguir sem ser só com ciranda.

O disco também é moderno, tem recursos tecnológicos de última geração...

Lia: O disco foi dirigido pelo DJ Dolores.

Como foi que vocês se conheceram?

Lia: Meu produtor ligou pra ele e a gente se reuniu.

Foi uma convivência legal, boa?

Lia: Foi, e ainda está sendo legal.

Esse disco é um novo começo?

Lia: Sim.

Há uma outra novidade este ano. O Ilú Obá de Min vai homenagear a senhora neste Carnaval.

Lia: Sim. É bom que façam a homenagem en-

“... eu tenho a oficina de música, de percussão, pra ver se nessa juventude de hoje tem quem goste.”

quanto a gente está viva. Isso é que é importante pra mim.

Por falar em Carnaval, ele está recebendo pressão de duas frentes. De um lado, os conservadores – até o próprio presidente da República – falando mal do Carnaval. Do outro lado existe o uso bastante comercial do Carnaval...

Lia: O Carnaval é uma tradição de todo o ano. Isso aí não se acaba não. E ninguém vai acabar isso aí não. Quem não gostar que também não atrapalhe.

Então o Carnaval vai continuar superando essas forças contrárias?

Lia: Com certeza. O Carnaval é o poder da cultura.

A senhora acha que essas festas populares, essas tradições, como a ciranda, têm herdeiros? Tem

jovens que vão levá-las adiante?

Lia: Se as famílias tiverem interesse, sim. Eu mesmo não tenho pra quem deixar, porque minha família mesmo não se interessou pela música, só eu. Mas eu tenho a oficina de música, de percussão, pra ver se nessa juventude de hoje tem quem goste.

É, a senhora tem seu projeto cultural...

Lia: Eu tenho a oficina de cultura na Ilha de Itamaracá, mas está parado. Está em concerto. O Guilherme Uchôa (*ex-deputado estadual, morto em 2018*), fez uma emenda parlamentar pra terminar o resto, camarim, banheiro. Ele deixou o dinheiro pra terminar. Acho que se ele estivesse vivo estava pronto, mas ele faleceu. Faltou o palco, o piso, camarim, cozinha. O Guilherme faleceu, mas deixou o dinheiro, e a prefeitura desviou. Aí está difícil terminar o projeto cultural, não tem condições. E a prefeitura não chega nem perto, não ajuda em nada. Só desviou o dinheiro (*leia mais sobre isso em texto ao final desta entrevista*).

Estamos falando em ajuda da prefeitura, e eu lembro aqui que em momentos importantes da sua carreira, o apoio do poder público foi decisivo. Quando a senhora começou a se apresentar, era um programa da prefeitura e do governo do estado. Naquele momento em que a senhora foi trabalhar como merendeira, a senhora disse que teve apoio do poder público. Hoje há muito político, muito jornalista, dizendo que o Estado, o governo, não tem dinheiro, não tem que se meter nas coisas, tem que gastar menos, tem de tirar dinheiro da educação, da saúde. O que a senhora acha disso?

Lia: Se eles acham que não tem possibilidade de ajudar, então não complica, para. Eles dizem que não tem dinheiro. E os mestres da cultura, tem? Como é que pode?

Mas a senhora acredita mesmo que o governo não tem dinheiro?

Lia: Quem não tem dinheiro sou eu. Qual é o governo que não tem dinheiro, meu filho?

YTALLO BARRETO



“Quem não tem dinheiro sou eu. Qual é o governo que não tem dinheiro, meu filho?”

Como a senhora acha que o seu trabalho ajuda na vida da comunidade?

Olha, quando eu faço show aqui na minha comunidade, os comerciantes têm mais chances de vender as coisinhas deles. Isso é muito importante, não é? Significa que eu ajudo. Eles têm tantas saudades que todo o dia eles querem Ciranda da Lia, Ciranda da Lia. Mas eu fico sem resposta, porque não tem. Mas que eles faturam, faturam.

A senhora tem feito muitas apresentações todo o mês?

Lia: Em Pernambuco, muito pouco. Em Itamaracá, piorou. Eu trabalho muito em São Paulo, Rio, Curitiba, meu trabalho é mais divulgado pro lado de lá.

Será que é por causa daquele ditado...

Lia: Santo de casa não faz milagre?

A senhora fica triste pelo seu trabalho ser mais valorizado em outros lugares do que em seu estado natal?

Lia: Eu estou muito feliz. Meu trabalho é respeitado e muito conhecido.



A senhora enxerga hoje alguém que no futuro possa ser a nova Lia de Itamaracá?

Lia: Um nova Lia de Itamaracá vai ser difícil. O que eu mais queria é que alguém da minha família se interessasse, mas ninguém se interessou.

A ciranda é uma arte em que as pessoas se dão as mãos e caminham todas na mesma direção. A senhora acha que o Brasil podia ser um país mais cirandeiro? Está faltando ciranda para o Brasil?

Lia: Não falta ciranda, porque tem cirandeiro demais. O que está faltando é apoio. Aqui mesmo tem vários mestres, com melodias lindas, mas não têm apoio. Eu tenho produtor,

“Tenho minha aposentadoria de merendeira, sou patrimônio vivo, recebi um título de doutora honoris causa, participei do filme Bacurau, você assistiu?”

tenho uma banda – e levo comigo quem eu posso. Mas e quem não tem? Fica difícil.

Qual foi o momento mais difícil da sua carreira e o mais feliz?

Lia: Eu fiquei muito tempo parada aqui em Itamaracá. E aí a pessoa fica triste. Antes do Beto chegar aqui pra trabalhar comigo, eu estava no

fundo do poço, sem fazer nada. Foi ele que me tirou desse poço e foi comigo pro meio do mundo (*leia mais sobre essa história em texto de apoio que acompanha a entrevista*).

Alguma coisa que eu não perguntei e que a senhora gostaria de falar?

Lia: Eu estou muito bem, estou feliz. Tenho minha aposentadoria de merendeira, sou patrimônio vivo, recebi um título de doutora honoris causa (*pela Universidade Federal de Pernambuco, em 2019*), participei do filme Bacurau, você assistiu?

Assisti. A senhora é aquela líder espiritual que aparece para o americano quase no final do filme? Acho que aquele momento é decisivo, explica muito do filme e faz uma virada na história porque a força espiritual daquela mulher é que confunde os estrangeiros e faz com que eles comecem a brigar entre si.

Lia: É a Carmelita.

E a senhora, o que achou do filme?

Lia: Eu ainda não assisti. ■

Quando Lia foi “pro meio do mundo”

Lia de Itamaracá já era artista consagrada quando conheceu o produtor Beto Hees, em novembro de 1997. Ambos viviam em maré baixa naquele momento. Ela, apesar de já ter lançado importantes discos e participado de filmes nacionais como Parahyba Mulher Macho (Tizuka Yamazaki, 1983) e da minissérie global Riacho Doce (1990), estava algo esquecida na Ilha de Itamaracá – onde nunca parou de comandar a ciranda, inclusive à beira-mar. Ele, que morava na Alemanha, onde trabalhava como bancário e iniciava uma carreira de DJ e produtor de festas, amargava a frustração de ter produzido um disco que descobriu depois ter sido apropriado por uma grande gravadora.

Beto, natural de Olinda, estava no Brasil justamente para lançar aquele disco que havia ajudado a criar num estúdio em Berlim. “E aí eu fiquei meio a ver navios”, recorda o hoje produtor. Pensou então em fazer um evento em

Olinda, cidade onde nasceu. “Foi quando lembrei de dona Lia”, conta.

“Eu sabia dela, mas não conhecia. Nunca tinha visto uma apresentação dela. Eu lembro que quando era criança, na escola, a gente dançava ciranda e ouvia as músicas dela. Quando eu cheguei na casa de dona Lia, eu fiquei totalmente passado, porque ela é realmente imponente, tem uma postura de realeza, uma voz meio rouca. Eu fiquei umas duas horas conversando com ela. Eu lembro que perguntei quem cuidava das coisas dela, quem agendava os shows pra ela e ela me disse: ‘Estava lhe esperando’. E desde então nós temos trabalhado juntos. Vai fazer 23 anos”, comemora.

“Nesse meio tempo, ela já foi pra Europa umas quatro vezes, gravamos três CDs e o último pela Natura Musical. Quando eu comecei a trabalhar com ela, já era Lia de Itamaracá, conhecida no Brasil todo. Ela conseguiu essa façanha sozinha sem ajuda de ninguém. Ela só

não usufruía dessa fama. Ela foi muito explorada naqueles anos todos”, completa Beto.

Entre 2005 e 2014, Lia consolidou um trabalho social na Ilha de Itamaracá, por meio de um centro cultural que construiu para oferecer oficinas de música e artes. Nesse período, fazia apresentações na praia sem nada cobrar. Em 2013, a estrutura do Centro Cultural Estrela de Lia passou a precisar de reformas. Parte da obra foi financiada por ela mesma. A outra parte, objeto de verba liberada por emenda parlamentar do ex-deputado Guilherme Uchôa, jamais foi transformada em obra pela prefeitura, o que gerou denúncia na Procuradoria Pública. Desde então, os shows que ela fazia na praia não acontecem mais.

O lançamento de uma biografia de Lia de Itamaracá está programado para março de 2020. “Enquanto Deus não me chamar, eu vou continuar a ciranda”, garante Lia. ■

O lugar do bumba-meu-boi do Maranhão na cultura popular e erudita

VIRNA PEREIRA TEIXEIRA

**VIRNA PEREIRA
TEIXEIRA**

É PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE CAXIAS/MA E TERESINA/PI. DOUTORANDA EM LETRAS, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI). ATUOU COMO SECRETÁRIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO E COORD. DO POLO DA UNIVERSIDADE ABERTA DE CAXIAS/MA.

EMÍLIA SILBERSTEIN



Recentemente, em dezembro de 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) reconheceu o bumba-meu-boi do Maranhão como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A consagração mundial da mais importante manifestação da cultura popular maranhense evidencia a força de um símbolo ancestral, que rompeu séculos para

Ainda que não haja consenso sobre suas origens importa que em várias regiões brasileiras o bumba-meu-boi ganhou características próprias.

conseguir manter viva a sua identidade. Marginalizado no século XIX, tratado como “brincadeira de escravo”, o bumba-

-meu-boi atualmente reluz nos bairros nobres da capital do Maranhão durante os festejos juninos, trazendo consigo todas as referências da ruralidade, das periferias e da nossa composição étnica.

Nos debates acerca das origens do bumba-meu-boi no Brasil, segundo o IPHAN (2011), há duas hipóteses que dividem pensadores brasileiros.

Mário de Andrade é um dos maiores representantes da tese que afirma que o bumba-meu-boi é oriundo de Portugal, aqui incorporado pelas camadas populares de forma semierudita. As raízes ibéricas deste folguedo se somariam, com efeito, às festas mágicas afro-negras, daí resultando uma dança dramática e original. Já Nina Rodrigues e Arthur Ramos defendiam que a África seria o berço do bumba-meu-boi, influenciado diretamente pelo totemismo *bantu*.

Ainda que não haja consenso sobre as origens desta manifestação cultural no país, importa que em várias regiões brasileiras o bumba-meu-boi ganhou características próprias e no Maranhão, absolutamente integrado às festividades católicas do mês de junho (alusão a Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal), adquiriu contornos de reexistência da cultura popular, tornando-se, especialmente nas últimas décadas, principal expressão da identidade maranhense. Categorizados pelo tipo de

Marginalizado no século XIX, tratado como “brincadeira de escravo”, o bumba-meu-boi atualmente reluz nos bairros nobres da capital do Maranhão.

instrumento musical mais utilizado e pela localidade de onde surgiram, os grupos de bumba-meu-boi do Maranhão se distinguem, em geral, por cinco sotaques (da ilha ou de Matraca, orquestra, zabumba ou de Guimarães, Costa-de-mão ou Cururupu e da Baixada).

O auto, encenado durante as apresentações do bumba-meu-boi maranhense, conta a história de Catirina e Pai Francisco, moradores de uma fazenda de gado. Catirina, grávida, deseja comer a língua do boi de estimação do dono da fazenda. Sem autorização do seu senhor, Pai Francisco mata o boi para dar a língua à sua esposa. Ao saber do ocorrido, o dono da fazenda fica

enraivecido e obriga Pai Francisco a ressuscitar o boi. Com a ajuda de pajés, o boi volta à vida urrando e ao final todos os moradores da fazenda realizam uma grande festa em comemoração ao milagre.

Inicialmente, no século XIX, o espetáculo do bumba-meu-boi só recebia autorização da polícia para ser representado na zona rural e nas periferias, bem distante do centro de São Luís e de suas elites. Até os anos 1960, suas apresentações no centro da capital dependiam de negociações com membros das classes altas, aqueles mais afeitos às manifestações populares. De lá para cá, paulatinamente, os governos maranhenses foram assimilando o bumba-meu-boi às políticas culturais, de modo que hoje sua organização, custeio e exibições dependem, sobretudo, do financiamento público.

É importante ressaltar o sentimento de pertença que o bumba-meu-boi em seus diversos sotaques mobiliza, seja nos ensaios, na celebração das santidades



católicas ou no seu contato com o público espectador. A matraca evoca os sons das tribos indígenas, assim como a zabumba remete à musicalidade africana. O sotaque de orquestra faz uma ligação com as bandas de fanfarra. Personagens como Cazumbá, o Caboclo-de-penas compõem o cenário cheio de cores e brilhos desta festa, preparada por muitas mãos ao longo de meses e anualmente renovada, com o ciclo da ressurreição e morte do boi. São as periferias e as zonas rurais do estado que mostram à cena local e internacional o magnetismo de uma cultura plástica, que incorpora os

Inicialmente, no século XIX, o espetáculo do bumba-meu-boi só recebia autorização da polícia para ser representado na zona rural e nas periferias, bem distante do centro.

desafios da contemporaneidade sem abrir mão de sua historicidade e crenças, da mesma matéria que é feito o Maranhão. ■

Referências

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/MA. Dossiê do

registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão, 2011.

Resumo

A UNESCO reconheceu o bumba-meu-boi do Maranhão como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade no final de 2019. A conquista de tal título se dá após séculos de reexistência da cultura popular maranhense, cujas raízes se relacionam às manifestações dos povos africanos, indígenas e europeus. Das periferias e zonas rurais, o bumba-meu-boi do Maranhão é hoje espetáculo para as elites e para o mundo.

A Liga dos Blocos Descentralizados¹

DEVISON CAMPOS, OTÁVIO PEREIRA E SANDRO SANTOS

JUNIA MORTIMER



DEVISON CAMPOS
É JORNALISTA, DOUTOR EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. DIRETOR ASSOCIADO DA RPIQ COMUNICAÇÃO E MARKETING E PROFESSOR DO PPG EM EDUCAÇÃO E DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DA ULBRA.

OTÁVIO PEREIRA
É JORNALISTA, PRODUTOR EXECUTIVO DE RÁDIO E TV, ORGANIZADOR DE EVENTOS E PRODUTOR CULTURAL.

SANDRO SANTOS
É PRODUTOR CULTURAL.

1. LIGA DE BLOCOS DESCENTRALIZADOS POA/RS, CONTATOLIGAD@GMAIL.COM, (51) 983-49-5277.

A Liga dos Blocos Descentralizados de Porto Alegre surgiu da necessidade de dar visibilidade aos Blocos dos bairros periféricos, inicialmente na Capital e depois estendendo-se do Estado do Rio Grande do Sul. Esses Blocos realizam carnaval de rua nas respectivas comunidades desde há muitos anos, mas não tinham espaço na mídia e nenhum tipo de estrutura, ou apoio do setor público e privado. Mesmo com as dificulda-



des, realizam um carnaval popular e de inclusão social, mostrando através do surgimento da Liga uma proposta de união e mobilização. Os desfiles resgatam antigos locais onde acontecia o carnaval de rua em Porto Alegre, como a orla do Rio Guaíba.

Esse carnaval tradicionalmente é marcado pela participação de pessoas negras. Com isso, cada desfile e/ou acontecimento torna-se igualmente uma manifestação da cultura e de consciência Negra. Busca-se permanentemente a afirmação, conscientização e resistência a fim de garantir que este segmento da cultura popular não perca sua identidade étnico-racial e social. Observa-se, portanto, o mesmo fenômeno que se repete



em todo o país em que Cultura Popular é sinônimo de favela, periferia e povo preto. Essas manifestações igualmente acabam invisibilizadas e afastadas dos grandes centros das capitais, sendo muitas vezes reprimida por uma elite conservadora. Os blocos atendidos pela Liga sofrem permanentemente este tipo de opressão, apesar de mostrarem a capacidade de mobilização e de organização das populações periferizadas.

A Liga, portanto, defende que, além da visibilidade, a existência desse bloco reforça a ideia de que **todo desfile de bloco com característica identitária étnico-racial e todo o dia é de Consciência Ne-**

Observa-se o mesmo fenômeno que se repete em todo o país, em que Cultura Popular é sinônimo de favela, periferia e povo preto.

gra. Nossas experiências demonstram na prática que somos competentes mesmo quando não se recebe um apoio mais efetivo do público, como fizemos na Cidade de Porto Alegre no Carnaval de 2017, quando já se anunciava a crise do segmento cultural Carnaval de Blocos em uma região central da cidade.

A gestão de Blocos com identidade étnico-racial, o crescimento do movimen-

to segmento de blocos em toda cidade com caráter de Carnaval social, democrático, participativo e, o mais importante, gerador de emprego e renda durante o período que antecedeu e em que aconteceu o Carnaval, movimentando toda uma cadeia produtiva. Essa mobilização garantiu as atividades sem percalços. Portanto, a forma como tem sido realizado o carnaval promovido pela Liga dos Blocos Descentralizados tem se pautado pela valorização da identidade negra e por ser democrático, a fim de acolher a todos que buscam diversão e principalmente entendem que carnaval é muito mais do que somente a diversão. ■

■ **Norte**

Acre

4º Grito de Carnaval do Comboio percussivo

Data: 15/02/2020

Horário: 15 às 20h

Local: Praça Central da Torre de TV Rio Branco

Amapá

Levada Afro Bloco Sankofa 2020

Data: 21/02/2020

Horário: 19h

Local: Sankofa - Rua Beira Rio, 1488 Orla do Santa Inês Macapá

Amazonas

A gente que lute! Bloco dos estudantes

Data: 21/02/2020

Horário: 15 às 23h

Local: Rua José Clemente - Centro Manaus

Pará

Roda Cultural - Samba de Roda e sua história

Data: 22/02/2020

Horário: 18h

Local: Associação Rei de Capoeira Alameda Livramento, 230 Belém

Rondônia

Seminário Geografia e Gênero: ausências, desafios e estratégias para a subversão

Data: 19/02/2020

Horário: 14:30 às 18h

Local: Sala Rosa Ester Rossini Campus Unir Porto Velho

Roraima

Viva Sabotage 2020 - Tributo

Data: 16/02/2020

Horário: 18h

Local: Pracinha do Asa Branca Boa Vista

Tocantins

Seminário Aberto do Curso de Promotoras Populares: trabalho doméstico, legislação e sindicalização

Data: 15/02/2020

Horário: 8:30 às 17h

Local: Sede 8 de março - 305 Norte Alameda 21, Quadra 20, Lote 10 Palmas

Comemoração 22 anos do 8 de Março com Sarau Cultural

Data: 07/03/2020

Horário: 20h

Local: Sede 8 de março - 305 Norte, Alameda 21, Quadra 20, Lote 10 Palmas

■ **Nordeste**

Alagoas

BaileKIZ - Popularizar e Construir público para os Ritmos (Kizomba, Semba, Guetto Zouk, Tarraxa, Afrohouse)

Data: 15/02/2020 e 14/02/2020

Horário: 18h

Local: Benedito Bentes - Biu Maceió

Bahia

A Resistência - apresentação Alerta Negra com sarau, dança afro e pocket show

Data: 16/02/2020

Horário: 14h

Local: Praça dos Barris Salvador

Ocupação Arte, Cultura e Lazer - É Nós Agora Produção, Primeiro Gueto, ONG ACUBA

Data: 14/03/2020 e 15/03/2020

Horário: A partir das 8h

Local: Casa do Saber - Comunidade Araras Fazenda Martinho Félix, s/n Teixeira de Freitas

Ceará

Slam da Quentura

Data: 29/02/2020

Horário: 20h

Local: Praça do FB
Sobral

Maranhão

11º Baile do Parangolé na Rua

Data: 15/02/2020

Horário: 12h

Local: Solar Cultural da Terra Maria
Firmina
Rua Rio Branco, 420 - Centro
São Luís

Paraíba

Quadrilhando 2020

Data: 16/02/2020

Horário: 15h

Local: Vila Sítio São João - Centenário
João Pessoa

Battle In The Cypher

Data: 07/03/2020 e 08/03/2020

Horário: 15 às 21h

Local: João Pessoa

Pernambuco

Noite para os tambores silenciosos de Olinda 2020

Data: 17/02/2020

Horário: 19h

Local: Quatro Cantos de Olinda
Recife

Piauí

Nas Curvas da Ginga - Cordão de Ouro Capoeira Sertão

Data: 08/03/2020

Horário: a partir das 8h

Parnaíba

Local a ser definido no evento

Rio Grande do Norte

Comemoração Dia Nacional da Poesia - Casa de Mídia

Data: 15/03/2020

Horário: 8 às 15h

Local: Feira Livre do Nova Natal
Natal

Sergipe

25ª Assembleia do Centro Dom José Brandão de Castro

Data: 14/03/2020 e 15/03/2020

Horário: dia 14 às 9h, dia 15 às 8h

Local: Escola Propedêutica Sagrado
Coração de Jesus, Espaço da
Arquidiocese de Aracaju
Bairro Industrial
Aracaju

■ **Centro-Oeste**

Distrito Federal

Cine Tulipas do Cerrado:

Uma questão de Saúde e Cidadania

Data: 26/02/2020

Horário: 18 às 21h

Local: Park Wey
Brasília

Cine Tulipas do Cerrado:

Uma questão de Saúde e Cidadania

Data: 04/03/2020

Horário: 18 às 21h

Local: Plano Pitoto SCS Setor comercial
ao lado do CAPS
Brasília

Goiás

Batalha da Matriz

Data: 15/02/2020, 22/02/2020,
29/02/2020 e 07/03/2020

Horário: 17h

Local: Praça da Matriz - Centro
Goianésia

Rap no Teatro

Data: 01/03/2020

Horário: 16 às 21h

Local: Teatro do Centro Cultural Goiânia
Ouro, Rua 3 - Centro
Goiânia

Mato Grosso

Linguagem de Rua

Data: 16/02/2020
 Horário: 16h
 Local: Genuíno - Rua Aporé, 97
 Campo Grande

Mato Grosso do Sul
Slam Campeão - Edição Democracia em Vertigem

Data: 06/03/2020
 Horário: 18:05 às 22h
 Local: Praça Aquidauana - Amambai
 Campo Grande

■ **Sudeste**

Espírito Santo

Bloco do Boi
 Data: 22/02/2020
 Horário: 17h
 Local: Rua Pedrolino Nascimento
 Ilha das Flores
 Vila Velha

Minas Gerais

Desafios do Futsal - jogos de futsal para integração de crianças - Projeto bom na bola bom na vida

Data: 14/03/2020
 Horário: 9 às 12h
 Local: R9 Academy- Rua Manila, 570
 Estrela D'alva
 Belo Horizonte

Rio de Janeiro

Aulas de Trança Afro para mulheres e seus familiares que passaram pelo sistema prisional ou socioeducativo

Data: 06/02/2020 a 02/04/2020
 Horário: todas as quintas, das 13:30 às 17h
 Local: Sede Elas Existem
 Av. Venezuela, 27, sala 419 - Saúde
 Rio de Janeiro
 Informações e Inscrições:
 (21) 99811-3897 (Whatsapp)

São Paulo

Mulheres Multiplicando a Cultura Hip Hop - Quilombo da Parada

Data: 15/02/2020 e 16/20/2020
 Horário: A partir das 10h
 Local: Estrada do Alambique, 27A
 Parque Taipas
 São Paulo
 Obs: inscrições em
 mmcprojeto@gmail.com

Slam Sujeira

Data: 08/02/2020 e 14/03/2020
 Horário: 17h
 Local: Skate Park Poá
 Poá

■ **Sul**

Paraná

Ação Médicos de Rua
 Data: 15/02/2020 e 15/03/2020
 Horário: 8:30 às 13h
 Local: Praça Tiradentes - Centro
 Curitiba

Rio Grande do Sul

Roda de Samba - Alequis do cavaco e amigos do samba

Data: 15/02/2020
 Horário: 23h
 Local: Parador PUB
 Rua José Leão Garcia, 440
 Tapes

Reunião Congresso do Povo

Data: 15/02/2020
 Horário: 10h
 Local: Associação Comunitária do Campo da Tuca
 Rua Campo da Tuca, 200
 Vila João Pessoa
 Porto Alegre

Santa Catarina

Bota a Cara no Sol - LGBTI+ Ocupam e Resistem

Data: 29/02/2020
 Horário: 14 às 18h
 Local: Praia do Campeche, entrada principal
 Florianópolis

OPORTUNIDADES

Edital	Foco	Prazo	Link
Edital Resistência, promovido pelo Fundo Brasil	Defesa dos direitos das mulheres, com especial atenção às mulheres negras, indígenas e de populações tradicionais; Enfrentamento dos diversos tipos de violência, inclusive a violência do Estado, em relação às populações negras, indígenas, tradicionais e LGBTI+; Direito à terra e ao território; Direito à valorização e defesa das religiões de matriz africana; Direitos dos(as) refugiados(as); Fortalecimento institucional de organizações de defesa de direitos humanos. Serão aceitas propostas de indivíduos e organizações, grupos e coletivos sem fins lucrativos, mesmo que ainda não formalizadas e/ou que não tenham CNPJ.	Até as 18h do dia 28 fev. 2020	https://www.fundobrasil.org.br/edital/resistencia/
Edital para a seleção de projetos de AÇÕES DE VISIBILIDADE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA LGBTI+ pelo interior e litoral do Estado de São Paulo, conhecidas como "Paradas do Orgulho".	Este edital é direcionado a pessoas físicas (representantes de coletivos ou proponentes individuais) e pessoas jurídicas sem fins lucrativos que atuem na promoção da cultura, direitos humanos e diversidade sexual voltados para a população LGBTI+ e que atuem em qualquer região do Estado de São Paulo, com exceção da capital;	Até 14 fev. 2020	https://omelhordaculturasp.com/editais-e-convocatorias/programa-orgulho-2020/
Edital Brazil Foundation	Seleção voltada a projetos de organizações sociais que tenham atuações estruturantes na promoção da transformação social e equidade no Brasil. Os projetos podem ser apresentados nas áreas de: Educação e Cultura; Direitos Humanos e Participação Cívica; Meio Ambiente; Desenvolvimento Socioeconômico; Saúde.	Até 16 fev. 2020	https://brazilfoundation.org/edital-2020/?lang=pt-br

<p>Edital Secretaria Especial da Cultura para participação da edição 2020 do Mercado das Indústrias Criativas e Culturais do Sul (MICSUL) em Montevideu, no Uruguai</p>	<p>A seleção é voltada a iniciativas de nove setores criativos: artes cênicas; audiovisual e animação; artesanato; artes visuais e museus; design; moda; editorial; jogos eletrônicos; e música. Além disso, serão selecionados um grupo de música e um grupo de artes cênicas para se apresentarem durante o MICSUL 2020 e um estilista para promover um desfile de moda.</p>	<p>Até 26 de fevereiro/ 2020</p>	<p>http://portal-cultura.apps.cultura.gov.br/micsul2020/</p>
<p>Edital Fundo de Promoção Social e Erradicação da Pobreza (FPS) para fomento de políticas públicas do setor primário no Amazonas</p>	<p>Seleção voltada a Organizações da Sociedade Civil (OSCs) interessadas em firmar termo de fomento para políticas públicas do setor primário no estado. Podem participar do edital OSCs que trabalhem com a inclusão produtiva no setor primário e agricultura familiar.</p>	<p>Até 17 fev. 2020</p>	<p>http://www.amazonas.am.gov.br/2020/01/entrega-de-implementos-agricolas-e-equipamentos-impulsiona-crescimento-do-setor-primario-em-2020/</p>
	<p>Podem ser cadastradas propostas nas áreas de literatura, artes cênicas, música, artes visuais, audiovisual e produção cultural. O objetivo é selecionar espetáculos para os projetos Baú de Histórias, Rede de Teatros Sesc, exposições para a Rede Sesc de Galerias e compor um banco de propostas de oficinas que ficará à disposição do Sesc para construção da sua programação de 2020.</p>	<p>Até 18 de novembro</p>	<p>https://sesc.idcult.com.br/</p>
<p>Edital VIVA Girls - MADRE</p>	<p>Edital seleciona organizações lideradas por meninas ou que têm como público principal meninas.</p>	<p>Até 18 maio 2020</p>	<p>https://www.madre.org/viva-girls-call-proposals</p>

OPORTUNIDADES

Bike Arte Gira	Edital que seleciona propostas de cursos oficinas de curta duração com o objetivo de promover a arte e o empreendedorismo por meio de oportunidades de desenvolvimento pessoal e de negócios que fazem bem ao planeta.	Até 15 abr. 2020	bikeartegira@aromeiazero.org.br
Prêmios Literários Cidade de Manaus - Prefeitura Municipal de Manaus	Prêmio destinado a escritores brasileiros com obras literárias inéditas.	Até 01 maio 2020	http://manauscult.manaus.am.gov.br/premios-literarios-cidade-de-manaus-2019-2020/
Edital de Credenciamento de artistas, profissionais e fazedores de cultura - Secretaria de Cultura do Estado do Pará	Credenciamento de artistas e profissionais da área da cultura e da acessibilidade para futuras prestações de serviços.	Até 01 jul. 2020	link
Edital Doen	Apoio a projetos sociais de economia solidária, empreendimentos sociais e energia sustentável.	Inscrições contínuas	https://www.doen.nl/applications/applications.htm